



14 DE ABRIL DE 2016

Quinta-feira

- NEGÓCIOS PREFERIDOS DOS BRASILEIROS EXIGEM DIFERENCIAL COMPETITIVO
- ARNO VAI FECHAR FÁBRICA NA MOOCA E CORTAR 2 MIL VAGAS
- GOVERNO RENOVA CONTRATO E TCP INVESTIRÁ R\$ 1,1 BILHÃO NO PORTO DE PARANAGUÁ
- PARANÁ ACERTA RENEGOCIAÇÃO DA DÍVIDA COM A UNIÃO
- BRASIL ATINGE MARCA HISTÓRICA DE 60 MILHÕES DE INADIMPLENTES, SEGUNDO A SERASA
- BRASIL CONTINUARÁ COM AS CONTAS PÚBLICAS NO VERMELHO ATÉ 2019, DIZ FMI
- LÍDER EM VEÍCULOS COMERCIAIS, MAN LATIN AMERICA TEM 80% DE OCIOSIDADE NA PRODUÇÃO
- NÚMERO DE NOVAS VAGAS DE EMPREGO CAIU 10,8% NO 1º TRIMESTRE, DIZ FIPE
- COMÉRCIO DE CURITIBA FECHA MAIS CEDO
- SOLUÇÃO PARA ABENGOA DEVE OCORRER ATÉ FIM DO SEMESTRE. DIZ ANEEL
- EMPRESAS QUE APOSTAVAM NA ALTA DO DÓLAR CORREM PARA EVITAR PREJUÍZOS
- CONSUMO INTERNO DE ALUMÍNIO RECUA 8,5% EM 2015, DIZ ABAL
- SERVIDORES FEDERAIS FAZEM DIA DE PARALISAÇÃO NESTA QUINTA TAMBÉM NO PARANÁ
- MERCADO DE TRABALHO CHINÊS SE MOLDA À CRISE DO AÇO
- CRÉDITO PARA EXPORTAÇÃO DO BNDES TERÁ ATÉ 100% DE TJLP
- TEMER MELHORA HUMOR DO EMPRESÁRIO, DIZ PRESIDENTE DE GESTORA DE ENERGIA
- TOMRA SORTING RECYCLING EXIBE NOVO X-TRACT NA IFAT 2016
- HEXAGON ADQUIRE A AICON 3D SYSTEMS, UMA FORNECEDORA DE METROLOGIA ÓTICA 3D
- PRIMEIRA IMPRESSORA 3D FULL COLOR E MULTIMATERIAL DO MUNDO É LANÇADA NO BRASIL
- INFLAÇÃO DO CARRO SOBE MENOS EM MARÇO
- PORSCHE OBTÉM RECORDE NO 1º TRIMESTRE

- DAF TERÁ FORNECIMENTO EXCLUSIVO DE SHELL LUBRIFICANTES
- NOVA FÁBRICA DA TMD ESTÁ 50% CONCLUÍDA
- MAHLE DESENVOLVE COMPONENTES PARA MOTOR GLOBAL FLEX
- NOVELIS ELEVA VENDAS DE ALUMÍNIO AUTOMOTIVO
- SCHAEFFLER PREMIA MELHORES FORNECEDORES NO 6º SUPPLIER DAY
- BNDES TERÁ NOVA LINHA DE FINANCIAMENTO PARA EXPORTAÇÃO
- MAN QUER DOBRAR NÍVEL DE EXPORTAÇÃO EM 3 ANOS DIANTE DE OCIOSIDADE EM FÁBRICA NO BRASIL
- MESMO COM INCENTIVO, PEQUENA REDUZ PARTICIPAÇÃO NAS COMPRAS PÚBLICAS
- DEMANDA GLOBAL POR AÇO DEVE CAIR DE NOVO EM 2016, PREVÊ WORLDSTEEL
- 'WSJ': REUNIÃO DE PAÍSES PRODUTORES PODE DEFINIR DESTINO DOS PREÇOS DO PETRÓLEO
- PESQUISA APONTA DESEMPREGO DE 20% ENTRE EXECUTIVOS
- TRABALHADORES DA MABE DEIXAM FÁBRICA EM CAMPINAS
- INFORME CONJUNTURAL JANEIRO A MARÇO/2016

CÂMBIO EM 14/04/2016		
	Compra	Venda
Dólar	3,513	3,513
Euro	3,956	3,957

Fonte: BACEN

Negócios preferidos dos brasileiros exigem diferencial competitivo

14/04/2016 - Fonte: Gazeta do Povo

Não é à toa que negócios como lojas de roupas, mercearias, lanchonetes e pet shops estão entre as opções preferidas de quem pensa em empreender.

Com baixa barreira de entrada, os empreendimentos tradicionais permitem que brasileiros com pouca experiência e sem muitos recursos se arrisquem em busca da independência financeira.

Segundos dados do Simples Nacional, lojas de roupas e acessórios, minimercados, bares, cabeleireiros e lanchonetes estão entre os dez mais comuns no Paraná e correspondem a pouco mais de 30% das empresas que optaram pelo regime de tributação simplificada até o início de abril no estado.

Apesar do alto número de estabelecimentos, o consultor do Sebrae-PR André Basso afirma que sempre vai existir espaço para os negócios "queridinhos" dos brasileiros.

Ele explica que a pouca competitividade das empresas que estão no mercado permite que aqueles que sonham em empreender comecem também com um modelo consolidado.

Foi o que fizeram as empresárias e sócias Ariane Brunetti e Luana Smanhoto, que abriram um pet shop em dezembro de 2014. Como Luana é médica veterinária e Ariane gestora de projetos, elas resolverem unir as competências para trabalhar com animais, uma grande paixão das amigas.

Autoemprego

O consultor do Sebrae-PR André Basso afirma que há muitas pessoas que abrem negócios tradicionais em busca do autoemprego, ou seja, que querem apenas garantir uma renda. Por isso, é comum encontrar estabelecimentos que não inovam e não querem crescer. Nesses casos, manter a loja funcionando é a principal preocupação do empreendedor.

Com investimento de R\$ 45 mil, inauguraram o Marumby Pet Care em Curitiba e apostaram na qualidade do atendimento e no serviço de creche para ganhar espaço em um segmento superlotado. O primeiro ano, assim como em qualquer negócio, foi difícil para as sócias, que se dividiram entre a empresa própria e empregos formais para equilibrar as contas.

Neste ano, elas conseguiram ter o retorno do investimento e vão poder se dedicar integralmente ao projeto do pet shop, que atende cerca de 20 cachorros semanalmente somente no serviço de creche. "A partir de agosto de 2015, conseguimos fazer o pet começar a ser sustentável, com processos administrativos e financeiros bem estabelecidos", conta Ariane.

Nicho, qualidade e preço baixo

A questão crucial para quem abre um negócio tradicional é como ganhar competitividade em um mercado acirrado. O consultor do Sebrae-PR afirma que há três maneiras: apostar em nichos, manter um padrão de qualidade e criar um método que garanta um preço mais competitivo.

Risco

O maior risco de abrir negócios comuns é não encontrar um diferencial competitivo. Administrar empreendimentos tradicionais requer que o empresário conheça muito bem o público-alvo e a região onde abre sua loja. Para ajudar nessas tarefas, o empreendedor pode recorrer a métodos como cliente oculto, além de fazer análise de mercado e plano de negócios.

As empresas que começaram pequenas e conseguiram se estabelecer no mercado ocuparam de maneira eficiente as fragilidades da concorrência. "Em setores muito abertos, a regularidade na prestação do serviço e a constância no processo geram um padrão de qualidade que diferencia seu negócio dos concorrentes", diz Basso.

Segmentação

Outra maneira é atender nichos de mercado para diminuir a concorrência e facilitar a atração dos consumidores. Um exemplo é: ao invés de abrir uma loja de roupas que atenda todos os públicos, focar em moda feminina para academia.

Mas, antes, o empreendedor precisa avaliar se há mercado para aquele nicho, para não correr o risco de segmentar tanto a ponto de não ter clientela. "Em cidades maiores como Curitiba, eu consigo segmentar meu mercado e ainda continuar atuando competitivamente. Em cidades menores, isso não é possível", explica Basso.

Arno vai fechar fábrica na Mooca e cortar 2 mil vagas

14/04/2016 - Fonte: O Estado de S. Paulo



Há 70 anos no bairro paulistano da Mooca, numa avenida que leva o seu nome, a Arno, tradicional fabricante de eletroportáteis, está de mudança. A empresa vai fechar as portas da sua unidade na capital paulista e eliminar cerca de 2 mil empregos diretos e indiretos para abrir uma nova fábrica no município de Itatiaia, no Rio de Janeiro.

A companhia alega, por meio de nota, que “não é mais viável manter uma fábrica na região central de São Paulo, com perfil urbano e com dificuldades operacionais e logísticas”. Para o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Miguel Torres, a mudança é mais um capítulo da guerra fiscal que geralmente se acirra em momento de crise. “Não acredito que seja logística. Estamos pedindo uma audiência com o governador e o prefeito. Não podemos perder esses empregos.”

Decepção. Às vésperas da aposentadoria, a metalúrgica Irisma Maria da Silva Souza, de 48 anos, dos quais 15 trabalhando na Arno, está prestes a engrossar o grupo de 10 milhões de desempregados que existem hoje no País. “Estou decepcionada. Com 48 anos, onde vou arrumar emprego? Faltam três anos para me aposentar.” Ela trabalha na montagem de batedeiras e ganha R\$ 1,5 mil.

O operador de linha de montagem Everson Vale da Rocha, de 33 anos, há nove na empresa e que tira R\$ 1,2 mil trabalhando na linha de produção, foi surpreendido na quinta-feira da semana passada quando a administração comunicou que a fábrica será fechada. “A oferta da Arno foi absurda: meio salário mínimo para quem tem cinco anos de casa”, reclama.

Torres, do sindicato, diz que a proposta foi recusada pelos trabalhadores. “Demos prazo até o fim do mês para receber outra, caso contrário, entraremos em greve a partir do dia 2 de maio.”

A Arno informa que a desativação da fábrica deve ocorrer por fases, no período de novembro deste ano a outubro de 2017. A companhia, que antes da invasão chinesa era sinônimo de eletroportátil, foi comprada pelo Groupe SEB, líder mundial do setor, em 1997. Além da Mooca, tem no País fábricas em São Bernardo do Campo (SP) e em Jabotão dos Guararapes (PE). A empresa é dona das marcas Rochedo, Clock, Tefal e Krups.

Governo renova contrato e TCP investirá R\$ 1,1 bilhão no Porto de Paranaguá

14/04/2016 - Fonte: Gazeta do Povo

Com a contrapartida de investir R\$ 1,1 bilhão em reformas de ampliação da estrutura portuária, o governo federal autorizou a renovação do contrato da empresa Terminal de Contêineres de Paranaguá (TCP) por mais 25 anos. A companhia terá o direito de atuar no Porto de Paranaguá até 2048 e prevê que os investimentos aumentem a capacidade de movimentação de cargas de 1,5 milhão para 2,5 milhões de TEUs por ano.

O anúncio da renovação antecipada do contrato mediante investimento ocorreu nesta quarta-feira (13), em Brasília. O pedido já havia sido analisado e aprovado pela Agência Nacional de Transportes Aquaviários em 2014 e aguardava o parecer da Secretaria dos Portos para entrar em vigor. É o segundo grande investimento anunciado neste ano para o Paraná – o primeiro foi a renovação do contrato de arrendamento da empresa Ponta do Félix, que atua no Porto de Antonina, em troca de investimentos de R\$ 114,18 milhões.

O projeto de investimento da empresa que administra o Terminal de Contêineres de Paranaguá está dividido em duas fases. Na primeira, serão investidos R\$ 540 milhões para a expansão do cais de atracação, que passará a contar com 1.099 metros de extensão, a construção de dolphins exclusivos para a atracação de navios que fazem o transporte de veículos e a ampliação da retroárea do terminal, que hoje conta com 320 mil m² e que será ampliada para cerca de 500 mil m². As obras devem começar até o fim deste ano a previsão é que sejam concluídas até 2018.

A segunda fase inclui investimentos de R\$ 550 milhões até 2048 para atualização e modernização da estrutura do terminal. Ao final, a capacidade de movimentação de cargas será ampliada dos atuais 1,5 milhão de TEUS para 2,5 milhões de TEUs por ano – hoje, o terminal movimenta 825 mil containers e está com uma ociosidade de 45%.

O CEO da TCP, Luiz Antonio Alves, afirma que mais importante que a ampliação da movimentação de cargas é a adequação do terminal para receber navios grandes. Ele explica que os novos navios que devem chegar no mercado possuem 366 metros de comprimento e capacidade para 14 mil containers. O cais atual do terminal de Paranaguá recebe até dois navios de 355 metros e, com a ampliação, passará a receber três de porte maior.

“A urgência do investimento se dá para receber os navios maiores”, afirma Alves. Segundo ele, a TCP é o único terminal que possui autorização para aportar navios de 366 metros. Com as reformas, ele garante que o terminal ganhará eficiência, ao mesmo tempo que se prepara para competir com terminais e portos de estados vizinhos, como Santa Catarina.

Paraná acerta renegociação da dívida com a União

14/04/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



O governo do Paraná acertou a renegociação de sua dívida com a União. O termo aditivo de revisão foi assinado nesta terça-feira (12) pelo governador Beto Richa, em Curitiba. O pagamento, que era reajustado pelo IGP-DI (Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna), mais 6% ao ano, passa a ser corrigido pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), mais 4% ao ano, e será retroativo a 2013. As informações são da Agência Brasil.

Com a renegociação, a dívida do Paraná, de R\$ 9,89 bilhões, será reduzida em R\$ 466,8 milhões. O governo estadual também fará uma economia mensal de R\$ 16 milhões nas parcelas pagas à União.

A origem da dívida remete a um empréstimo de R\$ 5,6 bilhões da União ao Paraná, em 1998. Segundo o governo paranaense, no ano passado, o estado já havia pago R\$ 13,5 bilhões, mas ainda devia R\$ 9,89 bilhões.

O antigo indexador elevou exponencialmente as dívidas com a União, o que sufocava as finanças estaduais, afirmou o governador Beto Richa. Ele garantiu que o capital economizado com a renegociação será investido em áreas prioritárias para a população.

A renegociação do pagamento da dívida do Paraná foi acertada na mesma época em que o STF (Supremo Tribunal Federal) concedeu liminares (decisões provisórias) favoráveis aos Estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e de Minas Gerais. Com as liminares, os três Estados terão as dívidas corrigidas com juros simples, e não mais com juros capitalizados.

As liminares também proíbem o Tesouro de impor sanções por descumprimento de contrato, como o bloqueio das contas desses estados.

Brasil atinge marca histórica de 60 milhões de inadimplentes, segundo a Serasa

14/04/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



O número de brasileiros inadimplentes atingiu a marca histórica de 60 milhões de pessoas em março, totalizando R\$ 256 bilhões em dívidas em atraso, de acordo com estudo da Serasa Experian.

O montante representa 41% da população com mais de 18 anos e é o mais adverso já registrado desde o início da série histórica da pesquisa, em 2012. Naquela ocasião, o número de pessoas que não conseguiram honrar seus compromissos financeiros foi de 50,2 milhões.

Nos três primeiros meses de 2016, mais de dois milhões de pessoas inadimplentes passaram a fazer parte da lista da Serasa. A cada trimestre, cresce a quantidade de brasileiros que se somam aos já negativados, conforme a entidade.

“Historicamente, a inadimplência tende a crescer mais no primeiro trimestre, pela concentração de despesas e gastos adicionais nessa época. Mas, neste levantamento, os números surpreenderam”, admite, em nota, o economista Luiz Rabi, da Serasa.

Conforme a pesquisa, 77,2% das pessoas que estão endividadas e entraram na lista por falta de pagamento recebem até dois salários mínimos; 40% dos 60 milhões de inadimplentes recebem entre um e dois mínimos; e 37,2% vivem com menos de R\$ 880,00. Ou seja, as classes com rendimentos mais baixos crescem mais do que as outras.

“Os mais afetados são as pessoas que praticamente vivem daquilo que recebem, não conseguem realizar nenhum tipo de reserva ou poupança financeira. Quando perdem o emprego, quando são atingidas pela inflação, são as que mais sofrem com os problemas de inadimplência”, completa Rabi.

Brasil continuará com as contas públicas no vermelho até 2019, diz FMI

14/04/2016 - Fonte: R7



A contração da economia fará o Brasil registrar déficits primários (resultado negativo nas contas públicas antes do pagamento dos juros) até 2019, divulgou nesta terça-feira (13) o FMI (Fundo Monetário Internacional). De acordo com o relatório Monitor Fiscal, a dívida bruta do País poderá chegar a 91,7% do PIB (Produto Interno Bruto — soma das riquezas produzidas no País — em 2021.

Segundo o relatório, a deterioração fiscal experimentada pelo Brasil no ano passado foi provocada pela combinação de três fatores: forte retração da economia, fraco desempenho das receitas e instabilidade política. Para o FMI, não apenas o Brasil, mas vários países serão afetados por turbulências políticas neste ano, independentemente do nível de desenvolvimento.

— O calendário eleitoral ou a disputa política podem complicar a implementação de políticas ou desencorajar ações políticas fortes em 2016 em vários países, incluindo economias avançadas [Austrália, Grécia, Estados Unidos], mercados emergentes [Brasil, África do Sul, Venezuela] e países de baixa renda [Gana e Zâmbia].

O relatório do FMI projeta déficit primário de 1,7% do PIB para este ano, 1,4% em 2017, 1% em 2018 e 0,3% em 2019. Somente no ano seguinte, o país voltaria a registrar resultados positivos nas contas públicas, com superávit primário de 0,9% do PIB em 2020 e de 1,6% em 2021. O superávit primário é a economia para pagar os juros da dívida pública.

Para o FMI, a sequência de resultados fiscais negativos continuará a impulsionar a dívida pública bruta do país. De 73,7% do PIB registrados no ano passado, o indicador subirá para 76,3% este ano, 80,5% em 2017, 83,6% em 2018, 86,4% em 2019, 89,1% em 2020, podendo chegar a 91,7% em 2021.

A dívida pública calculada pelo FMI é mais alta que o indicador divulgado pelo Banco Central do Brasil, segundo o qual a Dívida Bruta do Governo Geral encerrou 2015 em 65,5% do PIB.

A diferença ocorre porque o governo brasileiro desconsidera da dívida bruta cerca de R\$ 900 bilhões em títulos públicos usados pelo Banco Central para regular a quantidade de dinheiro em circulação na economia por meio das operações compromissadas.

Líder em veículos comerciais, Man Latin America tem 80% de ociosidade na produção

14/04/2016 - Fonte: R7

Diante da falta de reação do mercado automotivo no Brasil, a MAN Latin America, responsável por fabricar caminhões e ônibus da Volkswagen e caminhões da MAN, opera com 80% de ociosidade em sua produção, informou na manhã desta quarta-feira, 13, o presidente da empresa no Brasil, Roberto Cortês.

A fábrica da montadora, instalada em Resende, no Rio de Janeiro, tem capacidade para produzir 100 mil unidades por ano. O potencial de produção da MAN é mais do que suficiente para atender à demanda esperada pela própria empresa para todo o mercado de caminhões e ônibus em 2016, de algo em torno de 70 mil unidades.

Hoje, a fábrica opera em apenas um turno, durante quatro dias úteis na semana, o que resulta na produção de 110 unidades por dia. No auge do setor, em 2012, esse ritmo chegou a 400 unidades por dia, com três turnos e cinco dias por semana.

O corte se deve principalmente à queda na demanda. A venda de caminhões e ônibus terminou o primeiro trimestre com retração de 43% em relação a igual período do ano passado, para cerca de 15 mil unidades.

Há cinco anos, no primeiro trimestre de 2011, eram 47 mil unidades. De lá para cá, o recuo acumulado é de 70%. Sem demanda, os estoques da montadora são suficientes para 60 dias de venda, enquanto o setor considera que o ideal é manter estoques para 30 dias.

Para reduzir a produção, a MAN diminuiu a jornada de funcionários em 10%, aderiu ao Programa de Proteção ao Emprego (PPE), do governo federal, recorreu ao lay-off (suspensão temporária de contratos) e às férias coletivas, e abriu um Programa de Demissão Voluntária (PDV).

Este último, realizado neste ano, resultou no desligamento de cerca de 400 trabalhadores. Segundo Cortês, a fábrica de Resende conta hoje com 3,5 mil funcionários.

Além disso, o presidente da empresa afirmou que a MAN, líder do mercado brasileiro de veículos comerciais há 13 anos, pretende cortar 30% de todas as suas despesas e "fazer de tudo" para repassar parte do aumento do custo ao preço dos veículos. "Não queremos ir contra a lei da economia (de oferta e demanda), mas temos de fazer isso por questão de sobrevivência", explicou.

As medidas de ajuste, segundo o executivo, param por aí. Cortês disse que a MAN já chegou ao seu piso de produção e que, a partir de agora, a tendência é de crescimento, em meio a uma nova realidade dos negócios.

"Trata-se de uma mudança de mentalidade da empresa, estamos virando a chave", disse. Embora tenha dito isso a poucos dias da votação do impeachment da presidente Dilma Rousseff, cuja aprovação é esperada por várias entidades empresariais por criar uma expectativa de melhora da economia, Cortês negou que a "nova mentalidade" tenha relação com a política. "Estamos apenas encerrando um ciclo de ajuste", explicou.

O otimismo do empresário vem dos fundamentos da economia. Para ele, os sinais de recuperação estão no alto nível de reservas cambiais do País, na desaceleração da inflação, na flutuação do câmbio, na autonomia do Banco Central, na consciência da necessidade de redução do déficit público, na força das instituições e na liberdade de imprensa. "Essa crise tem data para acabar, só precisamos saber quando será", disse.

Cortês também espera que, nos próximos anos, o agronegócio, um dos principais consumidores do mercado de caminhões, continue crescendo, que haja um programa de renovação de frota e que novos investimentos sejam feitos na infraestrutura do País - o que também elevaria demanda por veículos comerciais.

Número de novas vagas de emprego caiu 10,8% no 1º trimestre, diz Fipe

14/04/2016 - Fonte: R7

O número de novas vagas de emprego caiu 10,8% no Brasil nos três primeiros meses de 2016, comparado com o mesmo período de 2015, mostra levantamento mensal feito pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da empresa de recrutamento online Catho.

Se observados apenas março e o mesmo mês do ano passado, houve queda de 9,2% no número de vagas. Com isso, o indicador completa 21 meses seguidos de declínio na comparação com o mês anterior.

Em relação a fevereiro - mês de carnaval -, ocorreu um aumento de 4,9% no número de vagas de emprego. Em fevereiro, o indicador Catho-Fipe mostrou queda de 35,3% no número de vagas por candidato, quando comparado com o mesmo período do ano anterior. Foi o 17º mês consecutivo de queda - um recorde. Também em relação ao número de vagas por candidato, fevereiro apresentou queda de 1,8% em comparação a janeiro.

O levantamento Catho-Fipe analisou ainda as novas vacâncias. Em fevereiro, o índice registrou recuo de 2,4% em relação a janeiro. Em comparação a fevereiro de 2015, o valor caiu 11,9%, sendo o 19º mês consecutivo de queda.

O índice de novas vacâncias é calculado com base na razão entre novas vagas de emprego e a população economicamente ativa registrada no IBGE. Quanto maior o seu valor, a taxa de desemprego tende a ser menor.

Comércio de Curitiba fecha mais cedo

14/04/2016 - Fonte: Bem Paraná



Boa parte do comércio na Rua XV de Novembro, no Centro de Curitiba, baixou as portas mais cedo no final da tarde de ontem. O ato foi um protesto contra a atual situação brasileira, com desemprego em alta, inflação, crise política. O ato também apoia o impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Por volta das 17 horas, uma sirene foi tocada para anunciar o início da manifestação, e a maior parte dos comércios no calçadão da Rua XV baixou as suas portas. Os lojistas, então, se dirigiram para a frente da Associação Comercial do Paraná (ACP). De lá, seguiram em caminhada até a Boca Maldita.

“Os empresários estão quebrando, estão com dificuldades financeiras, muitas empresas fecharam no ano passado e outras vão quebrar este ano. Isso nos preocupa muito”, disse o presidente da ACP, Antonio Miguel Espolador Neto. A manifestação durou até as 17h30, quando parte das lojas voltou a abrir.

A mobilização empresarial deve continuar ao longo desta semana, até o domingo, quando acontece na Câmara Federal a votação pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Além da mobilização de ontem, as entidades vão trabalhar ao longo da semana para sensibilizar os deputados federais da bancada paranaense a votar em favor do impeachment.

Solução para Abengoa deve ocorrer até fim do semestre. diz Aneel

14/04/2016 - Fonte: EM.com

O diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), José Jurhosa Jr., disse que a autarquia espera ter até o final do semestre uma solução de mercado para a Abengoa, empresa espanhola que está em recuperação judicial em seu país de origem e que paralisou obras de transmissão no Brasil.

"Se passar deste semestre teremos que dar uma solução regulatória, em vez de uma solução de mercado, não podemos ficar esperando 'ad eternum' uma solução", disse a jornalistas, após o leilão de transmissão que se realizou na manhã desta quarta-feira, 13.

Ele explicou que a solução regulatória seria declarar a caducidade das obras que estão por fazer, o que permitiria que a Aneel realizasse um novo leilão dos projetos. Jurhosa indicou que os empreendimentos em operação não levariam o mesmo fim. "Aquela concessão não tem problema", disse.

O diretor da Aneel comentou que a agência está esperando informações da Abengoa, mas que a companhia pediu um tempo para negociar com um possível comprador e adiou para o início do mês de maio uma reunião marcada para a tarde de hoje.

Empresas que apostavam na alta do dólar correm para evitar prejuízos

14/04/2016 - Fonte: Paraná Online

O mercado financeiro foi inundado, nos últimos dois dias, com operações de empresas que apostavam na alta do dólar para este ano e agora já acreditam que a moeda americana continuará sua trajetória de queda, na medida em que a votação do impeachment da presidente Dilma se aproxima.

Para tentar evitar prejuízos em seus balanços, mudaram de posição na bolsa. Somente na terça-feira, 12, a BM&FBovespa registrou US\$ 2,6 bilhões de vendas líquidas de posição "comprada" de dólar dessas companhias, ou seja, de apostas na desvalorização da moeda americana, em um movimento totalmente atípico.

Quando o mercado é inundado de dólares dessa forma, a tendência é que a moeda caia fortemente. Para segurar esse movimento, o Banco Central também entrou no mercado. Em dois dias, leiloou mais de US\$ 13 bilhões em swaps cambiais, as maiores atuações desde 2005, quando começou a fazer leilões de swap.

Na prática, essa movimentação do BC fez com que o dólar permanecesse quase estável. Tirou assim a volatilidade do mercado e ainda evitou que as empresas perdessem mais dinheiro com a queda do dólar. Ontem, a moeda americana fechou cotada a R\$ 3,4858, uma queda de 0,15%.

Um executivo de um importante banco estrangeiro diz que sem o BC, na terça-feira, o dólar poderia ter batido em R\$ 3,30.

De acordo com operadores de mercado, essa corrida não é feita por empresas que buscam "hedge" cambial, ou seja, proteção das variações do dólar. É um movimento típico de quem está apostando ou na alta ou na queda de um preço na bolsa, usando o que é chamado no mercado de "derivativo". Normalmente, são grandes empresas com experiência de atuação direta no mercado financeiro que operam dessa forma.

Um dos grupos que mais lucrou com o câmbio no ano passado foi o JBS, a maior empresa de proteína animal do mundo e dona da Friboi. Os ganhos superaram os R\$ 10 bilhões, segundo informou em seu balanço, fazendo operações no mercado de dólar. Mas, com a mudança de rumo das cotações, essas mesmas operações, se mantidas, poderiam trazer prejuízos ao grupo.

Segundo relatório do banco Credit Suisse, no final de 2015 as posições em derivativos de dólar do JBS eram de US\$ 12 bilhões. Como o dólar caiu de R\$ 3,90 para R\$ 3,56, caso tenha mantido a posição, somente no primeiro trimestre teria perdido R\$ 5,1 bilhões. Se, no segundo trimestre, o dólar cair mais 10%, terá mais R\$ 5,1 bilhões em perdas, segundo o banco.

De acordo com informação de algumas corretoras, por isso mesmo, o JBS foi um dos maiores responsáveis por essa movimentação. Procurada, a empresa disse que não comenta rumores de mercado.

Consumo interno de alumínio recua 8,5% em 2015, diz Abal

14/04/2016 - Fonte: EM.com

A demanda interna por produtos transformados de alumínio recuou 8,5% em 2015 em relação ao volume consumido em 2014, de acordo com dados da Associação Brasileira do Alumínio (Abal). Segundo a entidade, o consumo doméstico em 2015 foi de 1,308 milhão de toneladas. Em 2014, o total foi de 1,429 milhão de toneladas consumidas.

"O desempenho da economia e, em especial, de alguns setores consumidores importantes, foi extremamente desfavorável", afirma o presidente executivo da Abal, Milton Rego, por meio de nota.

Em 2015, a indústria do alumínio exportou US\$ 3,94 bilhões FOB (do termo em inglês "Free on Board"), mesmo valor de 2014. As importações sofreram queda de 12,2% de um ano para o outro, para US\$ 1,764 bilhão. O saldo da balança comercial em 2015 no setor foi de US\$ 2,177 bilhões FOB, o que representa um aumento de 12,7% em relação a 2014

Servidores federais fazem dia de paralisação nesta quinta também no Paraná

14/04/2016 - Fonte: Bem Paraná

Os servidores públicos federais do INSS, Saúde, Trabalho, Funasa e Anvisa estão parados nesta quinta-feira (14). A paralisação de 24 horas faz parte do Dia Nacional de Luta da categoria. Em 2015, foi firmado acordo para evitar uma greve e os servidores acusam o governo federal de não cumprir parte desse acordo.

O governo nega. As agências do INSS estão abertas, embora algumas realizando apenas atendimentos pré-agendados. Os médicos, principalmente, continuam fazendo as perícias agendadas.

Os servidores federais pedem melhores condições de trabalho para proporcionar melhor atendimento à população, realização de concurso público para reposição de pessoal, entre outras reivindicações.

“Os sistemas de informática não funcionam. Temos poucos funcionários. É um dia de paralisação e um alerta. O governo foi alertado há um mês, as assembleias alertavam, que o governo precisa melhorar as condições de trabalho. Não tem funcionário suficiente. A previsão é de que o serviço da greve do ano passado já estivesse concluído”, afirma Nelson Malinowski, diretor jurídico do Sindicato dos Servidores Públicos Federais em Saúde, Trabalho Previdência Social e Ação Social (Sindprevs).

Em nota, o Ministério do Planejamento, responsável pelas negociações com servidores, afirma que os acordos firmados no ano passado foram consolidados em projetos de lei enviados em dezembro ao Congresso Nacional, onde estão tramitando. Todos eles estabelecem o mês de agosto para início do pagamento de cláusulas que tenham impacto financeiro.

Nenhum previa realização de concurso em 2016. Quanto à movimentação dos sindicatos, segundo a nota, não cabe ao Ministério do Planejamento fazer avaliações ou comentários.

Mercado de trabalho chinês se molda à crise do aço

14/04/2016 - Fonte: Folha de S. Paulo



Milhões de pessoas estão destinadas a perder seus empregos com o fechamento de dezenas de minas e siderúrgicas de baixo desempenho na China, e Pequim prometeu que agiria para atenuar o golpe, criando um fundo de 100 bilhões de yuans (US\$ 15,4 bilhões) para ajudar a "reaproveitar" trabalhadores no próspero setor de serviços.

Mas uma visita à região de Tangshan, a capital da siderurgia chinesa, na província de Hebei, cerca de 260 km a sudeste de Pequim, mostra até que ponto esse plano parece demasiado otimista.

Enquanto o primeiro-ministro Li Keqiang prometia, em sua entrevista coletiva anual em março, que a China evitaria demissões em massa, a Qianan Zhayi Steel, uma siderúrgica privada em Tangshan, se tornou a mais recente a iniciar o fechamento definitivo de seus altos fornos.

Chen Jiyu, fumante inveterado e funcionário da siderúrgica, já previa o fechamento da empresa; era evidente que ela estava falida. Mas, quando a notícia chegou, ele perdeu o emprego que tinha desde que concluiu o segundo grau, dez anos atrás, além de ficar três meses sem receber.

Ele afirma não ter recebido ajuda alguma do governo ou da empresa. "Eu não conseguia dormir."

O fundo do premiê promete ajudar os trabalhadores a encontrar novas oportunidades no setor de serviço, que está se expandindo.

Chen, de sua parte, espera que sua capacitação como soldador possa ser aproveitada na indústria automobilística. "Consertar laminadoras de aço e consertar carros é a mesma coisa, certo?"

Os serviços respondem por porção maior da economia chinesa do que a indústria pesada, no passado o orgulho do proletariado comunista. Mas nas cidades siderúrgicas em crise, como Tangshan –que produz só quase tanto aço quanto os EUA, isso pode não bastar para absorver a mão de obra excedente.

Ruas de lojas e restaurantes vazios flanqueiam as siderúrgicas de Tangshan, com otimistas placas de "aluga-se" afixadas. Quarteirões inteiros de complexos de apartamentos vazios ou inacabados cercam o centro da cidade.

À medida que cai o número de trabalhadores com empregos fixos, reduz também demanda necessária a desenvolver o setor de serviços ou estimular novas construções. O governo de Hebei espera que 60% de suas empresas de siderurgia fechem ou se reestrutrem nos cinco próximos anos, disse Zhang Qingwei, secretário-assistente do Partido Comunista.

"Os mais velhos serão os primeiros a ser demitidos. Mas o setor de serviços está em busca de trabalhadores mais jovens e mais capacitados no uso da tecnologia, dispostos a trabalhar por mais tempo e menos dinheiro", disse Geoffrey Crothall, do "China Labour Bulletin".

A organização dele registrou mais de 300 greves de trabalhadores em Hebei desde o começo de 2015.

Perto do centro de Tangshan, o senhor Zhang, 39, engenheiro da Ruifeng Steel, passa boa parte parte dos dias em que fica em casa planejando o negócio que pretende criar quando for demitido.

Ele espera ser um bom exemplo da campanha "inovação e empreendedorismo para as massas" –uma tentativa de estimular o crescimento de pequenas empresas e start-ups. Mas ele mesmo se define como exceção.

"A maioria das pessoas demitidas que conheço ainda não encontrou emprego novo. Algumas estão procurando há um semestre, algumas há um ano", ele diz. "De 100 pessoas à procura de emprego, só 20 ou 30 encontram."

Para bloquear protestos, as empresas não informam os trabalhadores sobre cortes iminentes. O empregador de Zhang demitiu alguns funcionários em novembro, o que o estimulou em sua decisão de começar a procurar outra coisa. "Este ano, eles dizem que acontecerão novas demissões, mas ninguém sabe quando".

O fundo para reaproveitamento de trabalhadores cobriria apenas 11 meses de salário para 1,8 milhão de trabalhadores, considerando a média nacional de salário das siderúrgicas estatais. Os custos previdenciários e de retreinamento elevarão ainda mais as despesas.

Em Tangshan, são os migrantes rurais que mais sofrem quando usinas siderúrgicas fecham. "Eles não têm educação avançada e tampouco muita capacidade de trabalho", diz Zhang. "Dependem da venda de esforço físico. Para eles, é uma situação sem esperança".

Cerca de 8% dos homens de Hebei não têm educação formal, e a proporção sobe entre os trabalhadores mais velhos. A remuneração média anual na indústria de Hebei é de 43,95 mil ienes (US\$ 6,7 mil), e não permite que um trabalhador poupe dinheiro suficiente para começar um novo negócio.

Em lugar disso, os migrantes tentam ganhar a vida visitando "feiras de trabalho" – esquinas nas quais empregadores contratam pessoal para trabalhos ocasionais.

Crédito para exportação do BNDES terá até 100% de TJLP

14/04/2016 - Fonte: Folha de S. Paulo

O BNDES vai mudar as regras de financiamento às exportações para dar condições melhores de juros e de prazos para quem produz para vender no exterior.

Com isso, algumas linhas BNDES Exim Pré-Embarque passam a ter 100% de TJLP (a taxa de juros de longo prazo do BNDES, atualmente em 7,5% ao ano).

É o caso, por exemplo, do crédito para a exportação de máquinas e equipamentos, que antes conseguiam no máximo 70% nessa taxa.

As novas medidas serão anunciadas nesta quinta-feira pelo ministro Armando Monteiro (Desenvolvimento).

A demanda potencial de contratação de financiamentos em 2016 com as novas condições é de R\$ 15 bilhões, contra a previsão inicial de R\$ 4 bilhões, diz o ministro. "Os recursos saem direto do 'funding' do banco. Com a queda de algumas áreas, é possível um redirecionamento. Não há saída do Tesouro, nenhuma emissão nova", afirma Monteiro.

O ministro diz que as medidas já vinham sendo estudadas, como parte do Plano de Exportações, lançado em junho do ano passado.

As linhas de pré-embarque do banco permitem que as empresas exportadoras disponham de capital de giro para a produção de um bem que será exportado.

A expectativa do Mdic é que haja redução do custo de financiamento em até 26% para bens de capital, de até 29% para bens de consumo e de até 42,5% para micro, pequenas e médias empresas.

"Essa crise mostra que as empresas que não deixaram de exportar [quando o mercado interno estava aquecido] têm condições melhores e um retorno mais rápido."

Temer melhora humor do empresário, diz presidente de gestora de energia

14/04/2016 - Fonte: Folha de S. Paulo



Já há um entendimento geral entre o empresariado de que nem Dilma nem Lula conseguirão colocar o país nos trilhos e de que é Temer quem pode trazer a mudança de humor para recobrar o investimento e a confiança.

A visão é do empresário Christopher Vlavianos, presidente da Comerc, maior gestora de energia e maior comercializadora independente do país. "A saída dela [Dilma] e a entrada dele [Temer] têm a manifestação do mercado.

É claro que os fundamentos da economia têm que ser preservados, mas o humor do empresário e do consumidor são muito importantes para a retomada."

Folha - A Comerc tem um bom termômetro no consumo de energia. Como tem sido?

Cristopher Vlavianos - As previsões de aumento de consumo anuais sempre ficam em 3,5% ou 4%. Mas em 2015 veio uma redução inédita, que não é um movimento natural do mercado.

A queda na indústria foi de 5,3%, a residencial, de 0,75%. Foi o residencial caindo num país em que sempre houve alta de 5% a 7%. E o comercial também subiu pouco: 0,7%.

Você começa a ver a situação ficar bem pior do que se esperava no passado. E esse entrave político piora tudo.

Como o sr. e seus colegas empresários avaliam o que vai acontecer no domingo (17)? Que cenários traçam?

Um cenário sem Dilma seria uma renovação. [Um novo governo] vai precisar de apoio para criar a austeridade necessária, a redução de gastos do governo e o aumento de impostos.

Ninguém gosta desse tipo de medida, mas será essencial. E só um governo com alguma credibilidade pode fazer isso.

O que parece é que vai ser um governo de união de forças políticas, que vai ter condição de seguir com essa estratégia.

E com Dilma? O que se vê?

Ela vai ficar perto de um terço de apoio do Congresso e isso cria muita dificuldade para gerenciar o país.

O governo teve que fazer esforço para distribuir cargos e beneficiar legendas que vão votar com ele para impedir que o impeachment passe no Congresso Nacional.

Esses cargos estariam ocupados por essas legendas e esses políticos. Não teria espaço para abrir negociações com outros partidos para poder seguir com apoio no Congresso.

Então o que parece numa situação dessas é que o governo vai agonizar mais dois anos e meio.

Nem a figura do ex-presidente Lula ajudaria?

Não. A figura do Lula foi importante para esse movimento pré-impeachment, para essa negociação. A preocupação do governo foi ter votos para isso. Mas não vai conseguir implementar as mudanças necessárias.

O Lula é um articulador, sabe bem como usar esse poder e tem capacidade de negociar alguns cargos, mas num pós-impeachment a figura é outra. Tem que governar. E já foi gasta toda a munição para que essa reeleição [de Dilma] viesse.

Ela veio em uma visão de que o país estava numa situação em que na verdade não estava. Quando começou o segundo mandato, a presidente não tinha mais fôlego.

Não tinha dinheiro, as contas não fechavam mais.

E com Temer?

Para um governo conseguir governar, ele precisa ter um trânsito no Congresso. Se não tem, não consegue aprovar nada. Se dois terços desse Congresso tomarem uma posição a favor de Temer, que é o anti-Dilma hoje, eu imagino que esse governo Temer teria muito mais condição de governar.

Obviamente, ele vai ter que continuar costurando acordos. O Temer vai criar um governo de coalizão. A ideia é que ele tenha o apoio do Congresso. Os apoiadores vão ter suas condições, inclusive em relação à reeleição, porque isso vai entrar numa discussão paralela. Mas hoje você tem uma situação binária: é Dilma ou Temer.

E para os negócios, Temer já é suficiente? O investimento vai voltar?

Já é uma mudança de humor. Podemos separar a situação econômica e a política em determinados momentos. Mas hoje elas estão ancoradas. Logicamente, vai precisar de medidas efetivas que tenham resultado para as contas do país, mas essa mudança já é um paradigma de mudança de humor.

A saída dela e a entrada dele têm a manifestação do mercado. Nas notícias pró-governo, a Bolsa cai e o dólar sobe. É claro que os fundamentos da economia têm que ser preservados, mas o humor do empresário e do consumidor é muito importante para a retomada do crescimento.

Qual é o clima entre os empresários?

O que se vê é uma incerteza muito grande. Não é um momento em que se olha uma queda como perspectiva de ajuste de estoque e de que ali na frente voltará a produzir. É uma queda sem previsão de voltar a ter atividade e crescimento equivalente ao que havia no passado.

Algumas empresas não conseguem sustentar seus negócios, principalmente as ligadas ao setor de petróleo. As empresas estão demitindo, cortando custo, ainda um pouco perdidas em relação ao futuro. Às vezes, quando sentamos e conversamos sobre como vão olhar suas produções nos próximos dois anos, mas falta a previsibilidade.

Houve forte migração recentemente para o seu setor, o mercado livre, em que as empresas podem negociar energia por meio de contratos diretos. Foi em busca de corte de custos?

A partir da MP [579, que reformulou o sistema elétrico], em 2012, a tarifa dos consumidores cativos ficou artificialmente baixa, com alguns mecanismos usados para que as distribuidoras não repassassem esse custo ao consumidor final, como foi feito com gasolina e transporte, para poupar a inflação.

Essas tarifas artificialmente baixas seguravam o consumidor no mercado cativo, evitando a migração para o mercado livre.

A situação hidrológica também ficou ruim, elevando o preço no mercado livre.

Após a eleição, não tinha mais dinheiro para segurar as tarifas. Veio o realismo tarifário e caiu o consumo de energia.

Também entraram novos empreendimentos de geração no sistema e o período úmido veio na média, recuperando os reservatórios. Então, esses potenciais consumidores livres viram oportunidade de migrar.

*

RAIO X

Cristopher Vlavianos, 51

CARGO

Fundador e presidente da Comerc Energia, que reúne as empresas Comerc Gestão, Comerc Trading, Comerc Gás, Comerc Solar e Comerc ESCO

FORMAÇÃO

Graduado em economia pela Faap (Fundação Armando Álvares Penteado).

Tomra Sorting Recycling exhibe novo X-Tract na IFAT 2016

14/04/2016 - Fonte: CIMM

A empresa estará localizada no Hall C2, no Stand 339/438 da Messe Munchen, em Munique na Alemanha, de 30 de maio a 3 de junho. Com novo modelo lançado, o X-TRACT se tornou uma ferramenta de triagem ainda mais poderosa e eficiente, dado que está equipada com um novo sensor, que aumenta o desempenho e a estabilidade da máquina.

Para os operadores, o sistema de classificação aprimorado assegura maior pureza na recuperação do metal, menos perdas de produto, qualidade no produto consistente e garante a recuperação de sub-produtos, que podem depois ser rentabilizados.

Os projetistas da Tomra Sorting Recycling reduziram ainda mais os custos operacionais do novo equipamento, assim como atualizaram alguns componentes. A nova interface, mais amigável, inclui um sistema intuitivo e flexível com tela sensível ao toque, *touch-screen*, para o controle dos processos e dos ajustes. Todas estas melhorias proporcionam maior produtividade e aumento de lucros.

No evento será apresentado ainda o 'Tomra Care', um sistema de atendimento ao cliente concebido para promover o máximo desempenho, eficiência operacional a longo prazo e o máximo valor do negócio durante todo o ciclo de vida do equipamento.

Estas iniciativas refletem o compromisso da empresa com a qualidade e a experiência que existem em todos os segmentos da empresa – alimentos, reciclagem, mineração e produtos especiais – e explica porque a empresa continua a ser uma das líderes de mercado na indústria.

Jonathan Clarke, Diretor Comercial da Tomra Sorting Recycling, diz: "Estamos extremamente orgulhosos por liderar a indústria. A nossa experiência na extração de frações de alta pureza proveniente de resíduos sólidos, maximizando rendimentos e lucros, faz com que a IFAT 2016 seja o palco perfeito para destacar o nosso X-TRACT. As suas características avançadas vão atrair a uma vasta gama de clientes, e a sua robusta estrutura vai proporcionar maior eficiência, assim como uma maior longevidade do equipamento".

"Ao apresentar o Tomra Care também no evento, dá-nos a oportunidade de demonstrar o nosso compromisso focado no cliente. Para a Tomra Sorting o serviço começa na fase da pré-compra, onde orientamos a tomada de decisão certa para oferecer grandes benefícios para os clientes, assim como um grande período de longevidade nas plantas".

Como sempre, os especialistas da Tomra estarão à disposição para discutir oportunidades e soluções de triagem para resíduos sólidos urbanos, plásticos, sucata e outros segmentos que permitam compartilhar conhecimentos e experiências.

Hexagon adquire a Aicon 3D Systems, uma fornecedora de metrologia ótica 3D

14/04/2016 - Fonte: CIMM

A Hexagon AB anunciou nesta segunda-feira (11) a aquisição da Aicon 3D Systems, uma fornecedora líder em sistemas de medição 3D óticos e portáteis sem contato para o setor de produção industrial.

Fundada em 1990 com sede em Braunschweig, na Alemanha, a Aicon atende às necessidades de renomados fabricantes automotivos e empresas dos mercados

aeroespacial, construção naval, energias renováveis e engenharia mecânica há mais de 25 anos.

Seu portfólio tecnológico inclui máquinas portáteis de medição coordenada para aplicações universais e sistemas especializados em medição ótica 3D que fornecem monitoramento eficiente com alta precisão, controle e garantia de qualidade em produção industrial.

Com mais de 140 funcionários, a Aicon tem presença direta na Alemanha, subsidiárias na China, Coreia, Japão e Estados Unidos e uma rede mundial de revendedores com o suporte de recursos de apoio de campo.

“A Aicon é uma marca reconhecida com forte competência tecnológica em todas as equipes de desenvolvimento e seu portfólio de scanners é uma combinação estratégica”, disse o presidente e CEO da Hexagon, Ola Rollén. “Também vemos oportunidades para uma expansão internacional de um portfólio mais amplo da Aicon através da presença global da Hexagon.”

Além disso, os CEOS da Aicon 3D Systems, Carl-Thomas Schneider e Werner Bösemann, ainda comentaram: “Juntarmo-nos à Hexagon é uma ótima oportunidade para dar nossos produtos primeiro nível de scanners da Aicon um alcance maior de clientes de todo o mundo”.

A Aicon estará inteiramente consolidada em abril. O volume de negócios da empresa em 2015 chegou a aproximadamente 19 MEUR.

Primeira impressora 3D full color e multimaterial do mundo é lançada no Brasil

14/04/2016 - Fonte: CIMM

A Stratasys inventou a impressão 3D. De novo. A impressora 3D mais revolucionária do mundo - Stratasys J750 - foi lançada pela SKA no Brasil durante a Inside 3D Printing, maior feira de impressão 3D do país, que ocorreu dias 4 e 5 de abril em São Paulo.

Capaz de imprimir em full color e em multimateriais, o protótipo já sai pronto, sem a necessidade de pintura ou montagem, e com a aparência de um produto finalizado, como nas imagens.

Inflação do carro sobe menos em março

14/04/2016 - Fonte: Automotive Business



O custo para manter um veículo no Brasil – a inflação do carro – subiu 0,87% em março, índice menor que as altas verificadas em fevereiro, de 1,03%, e em janeiro, quando os custos cresceram 0,94%, segundo levantamento mensal da agência AutoInforme, que pesquisa os preços de todos os itens necessários para o motorista rodar com o carro e fazer a manutenção preventiva.

O item que mais contribuiu para o aumento do custo do carro em março foi o etanol, cujo preço subiu 2,6% no mês. Segundo a pesquisa, o custo total do motorista para

manter o carro em março foi de R\$ 1.297,37. Os cálculos se referem aos preços de itens para carro pequeno.

Apesar da alta verificada no mês passado, a inflação do carro ficou abaixo do IPC (Índice de Preços ao Consumidor) da Fipe de março, que mede a inflação e que fechou o mês em 0,97%.

No acumulado do primeiro trimestre o índice também é menor: a inflação do carro fechou em 2,86% e o IPC da Fipe foi de 3,26%. Além do combustível, outro item que teve alta expressiva no mês foi o estacionamento por período (dia ou hora), que ficou 1,07% mais caro, e a troca das pastilhas de freio, terceiro item que mais subiu, com alta de 0,73%.

Porsche obtém recorde no 1º trimestre

14/04/2016 - Fonte: Automotive Business



A Porsche teve seu melhor trimestre neste início de 2016, com 55.974 carros vendidos em todo o mundo e crescimento de quase 10% sobre o mesmo período do ano passado.

No Brasil, durante o lançamento da nova geração do 911, a subsidiária comemorou as 179 unidades no período e alta de 19,3%. "Nossa intenção é crescer", afirma o diretor-presidente da Porsche do Brasil, Matthias Brück, que reconhece a dificuldade do momento atual e não arrisca o volume total de vendas para o País até o fim do ano.

A rede atual tem sete concessionárias e duas novas serão abertas até o fim do ano, uma em Recife (PE) e outra em Florianópolis (SC). "Haverá mais revendas no futuro, mas é preciso avaliar", diz Brück, ainda sem previsão de prazo e locais para abertura de mais pontos.

Em julho de 2015 a Porsche criou a subsidiária brasileira a partir de uma joint venture formada com a Stuttgart, antiga importadora oficial que atualmente detém 25% do controle dos negócios. Durante entrevista a Brück, **Automotive Business** recordou que a subsidiária chegou meses antes da troca do comando mundial do Grupo VW em decorrência do dieselgate.

Perguntamos se o fato alterou ou pode alterar os planos para a Porsche no País: "É claro que o Grupo VW está avaliando várias questões, mas a Porsche está gerando dinheiro e não há razão para mudar", garante Brück. O executivo revela ainda que a presença da subsidiária já colhe resultados da sinergia de grupo e permitirá a utilização do centro de treinamento da Volkswagen, na zona sul da cidade de São Paulo.

Para se instalar no Brasil, a companhia com tradição em esportivos montou escritório, formou uma equipe de 24 pessoas e passou a importar os carros em agosto do ano passado.

Perguntamos a Matthias Brück se a presença da subsidiária pode reduzir o tempo de espera e aumentar o poder de negociação na hora de trazer os carros recém-lançados: "A cada dois meses temos de dar um retorno (à matriz) sobre nossa previsão de vendas e com base nisso fazemos nossas solicitações", diz.

A OPERAÇÃO BRASILEIRA

Em seu programa de avaliação de mercados, a Porsche identificou há cinco anos o potencial do Brasil, que já foi o maior mercado latino-americano e atualmente é o segundo, atrás do México. Isso determinou a instalação da subsidiária em 2015. "É claro que a situação atual não estava prevista, mas foi uma decisão acertada, nos preocupamos com resultados de médio e longo prazos", afirma o diretor-presidente.

Em 2014 e 2015 a Porsche registrou números semelhantes de emplacamentos, 742 e 732 carros, respectivamente. O modelo mais vendido nestes dois anos foi o Macan, cuja participação no mix da Porsche saltou dos 27,6% para 44,3%. No primeiro trimestre de 2016 ele foi o segundo colocado, com 66 unidades, ante 84 do Cayenne.

DAF terá fornecimento exclusivo de Shell Lubrificantes

14/04/2016 - Fonte: Automotive Business

A Paccar Parts, divisão de autopeças do Grupo Paccar, firmou uma parceria com a Shell Lubrificantes para o fornecimento exclusivo de seus produtos na rede DAF no Brasil, que utiliza a rede de concessionárias como principal canal de vendas e que conta com 21 unidades espalhadas pelo País. Homologado como produto genuíno da marca, o lubrificante Shell multiviscoso atenderá os dois caminhões da DAF vendidos no mercado interno: XF105 e CF85.

"Uma das premissas da Paccar Parts é a qualidade dos nossos produtos. Por este motivo, buscamos parcerias com fornecedores de ponta, capazes de atender a todos os nossos requisitos. A Shell é também uma marca reconhecida pelo caminhoneiro, que terá tranquilidade na hora de executar a troca do lubrificante na rede DAF", afirma Amanda Schainer, gerente de comunicação e marketing da Paccar Parts.

Segundo a empresa, o óleo contém aditivos selecionados que melhoram a proteção do motor em áreas críticas, aprimorando em até 50% a limpeza do conjunto mecânico, até 50% na proteção contra corrosão ácida e até 30% na redução do desgaste.

Nova fábrica da TMD está 50% concluída

14/04/2016 - Fonte: Automotive Business



A nova fábrica da TMD Friction em Salto (SP) está com 50% das obras concluídas, segundo informou a fabricante de pastilhas e lonas de freio, que começou a construir a unidade em maio de 2015.

A planta recebe investimento de R\$ 142 milhões, o maior aporte em outro continente do grupo japonês Nisshinbo, controlador da TMD. A inauguração está prevista para o primeiro semestre de 2017, quando a empresa deixará a sua atual unidade fabril em Idaiatuba, também no interior paulista, onde iniciou as operações em 1975 ainda como Cobreq, comprada em 2001 pela alemã TMD, que desde 2011 pertence à Nisshinbo.

Com pouco espaço para crescer em Idaiatuba, onde está instalada em zona urbana em terreno de 82.000 m² e área construída 18.000 m², no distrito industrial de Salto a TMD tem 100.000 m² e a fábrica ocupará 32.000 m², atendendo assim sua necessidade de expansão.

“A estrutura de concreto pré-fabricado do prédio principal já está finalizada. No momento são executadas as instalações de infraestrutura e iniciamos a construção dos prédios sociais, como restaurante, ambulatório médico e áreas de suporte que deverão estar concluídas até julho”, informa Edilson Jaquetto, diretor geral de negócios OE (fornecimento direto às montadoras), que coordena o projeto em Salto.

“Até janeiro de 2017 a obra civil estará totalmente finalizada e algumas áreas produtivas estarão em operação. A transferência total de Indaiatuba para Salto deve ocorrer até julho do ano que vem, restando trazer somente o estoque de produtos acabados, que virá até janeiro de 2018”, resume o diretor.

Mahle desenvolve componentes para motor global flex

14/04/2016 - Fonte: Automotive Business



A Mahle Metal Leve está em processo de desenvolvimento de componentes no Brasil para equipar um novo tipo de motor que a empresa vem denominando como global flex. O objetivo é reduzir drasticamente a ineficiência que os propulsores flex têm com relação aos demais que utilizam somente um tipo de combustível alcançando a melhor taxa de compressão - próxima ao equilíbrio - para que seja adequada para ambos.

O global flex vem sendo estudado há algum tempo pela equipe de engenheiros do Centro Tecnológico Mahle, localizado em Jundiá (SP). Além disso, tem sido amplamente debatido pela Frente Inovar-Auto do Sindipeças, grupo do qual a Mahle faz parte e que tem feito profundas discussões técnicas sobre definições dos melhores caminhos a serem adotados e apontando esta como uma das soluções mais completas e importantes para a indústria nacional.

“A Mahle vem avaliando qual seria a melhor combinação tecnológica que levaria esse motor aos melhores resultados de eficiência e redução de emissões. Sem contar que o global flex também colocaria o Brasil em destaque como uma plataforma de fornecimento de engenharia”.

“O motor daria a chance para a engenharia nacional se posicionar internacionalmente na liderança do desenvolvimento de soluções para a redução de CO2 em curto espaço de tempo, além de colaborar para ajudar a equilibrar a balança comercial com a redução da importação de gasolina”, aponta o gerente de inovação do centro tecnológico da Mahle, André Ferrarese.

DESAFIO TECNOLÓGICO

Um dos grandes entraves para um melhor rendimento dos atuais motores flex do mercado brasileiro é a taxa de compressão, em torno de 10 ou 11:1, que precisa estar a meio termo do que seria ideal para cada um dos combustíveis: em torno de 9:1 para a gasolina e perto de 14:1 para o etanol. Isso significa que os motores flex não são tão eficientes com nenhum dos dois combustíveis e muito menos com a mistura de ambos.

Com algumas tecnologias já existentes, como o turbo, a injeção direta e os comandos

de válvulas variáveis se conseguiria um bom grau de melhora dos motores bicombustíveis. Com alimentação direta e com o turbo com comando eletrônico, por exemplo, já é possível obter uma melhora de até três pontos a mais na taxa de compressão.

Isso significa que um motor flex com uma taxa de compressão geométrica de 10:1 pode passar a ter nova taxa de compressão efetiva de até 13:1. Como resultado, pode usar maior porcentual de etanol tirando maior proveito das suas qualidades, obtendo maior eficiência e, conseqüentemente, emitir menos CO₂, além de economizar com a importação da gasolina.

Segundo a empresa, outra solução desejável para melhorar o desempenho dos motores flex seria a utilização de combustíveis de melhor qualidade, com maior octanagem, o que depende de decisões governamentais e da ANP (Agência Nacional do Petróleo), órgão regulador do combustível básico utilizado no Brasil.

Um estágio ainda mais avançado, mas que expandiria ainda mais a eficiência dos motores a combustão interna exige a taxa de compressão variável, mas o dispositivo de desenvolvimento é complexo e com custos significativamente altos atualmente.

Para a empresa, independente de todas as vantagens tecnológicas que seriam conseguidas com o motor global flex, essa seria uma tecnologia extremamente positiva para o País: com motores mais eficientes e mais próximos dos produzidos em outros continentes, seria aberta uma possibilidade ainda mais competitiva de exportação de veículos.

Além das divisas que seriam resultantes dessa prática (para governo e exportadores) traria a vantagem extra de usar parte da capacidade ociosa atual da indústria automobilística no País, hoje próxima de 50%.

Novelis eleva vendas de alumínio automotivo

14/04/2016 - Fonte: Automotive Business



Fornecendo cerca de 50% do alumínio laminado consumido pela indústria automotiva no mundo todo, a Novelis vem aumentando ao ritmo de 20% a 25% ao ano suas vendas a montadoras e fornecedores, que compraram 341 mil toneladas do insumo no ano fiscal terminado em março de 2015, ou 11% do total de 3,1 milhões de toneladas processadas pela empresa no período.

“A demanda global cresce com as exigências de limitação de emissões, alcançadas (em parte) com a redução de peso trazida pelo uso cada vez mais intensivo do alumínio em várias partes dos carros. Seguindo essa tendência o porcentual fornecido ao setor deve até avançar ainda mais este ano”, explica Fernando Wongtschowski, gerente de marketing e desenvolvimento de produto da Novelis no Brasil.

No mercado brasileiro a indústria automotiva consome mais alumínio fundido, aplicado em blocos de motor e rodas, por exemplo; o fornecimento do metal laminado ao setor ainda é marginal.

“Fornecemos para alguns fabricantes de pequenas peças, mas o potencial é muito maior. Algumas montadoras estão testando nosso material, devem consumir mais nos

próximos anos, mas ainda não fechamos nenhum contrato”, diz Wongtschowski. Para trabalhar com alumínio laminado, os fabricantes de veículos precisam também fazer diversas modificações nos processos industriais, principalmente nas áreas de estamparia e soldagem de carrocerias.

Se a demanda crescer também no Brasil, a Novelis já se preparou para aumentar o fornecimento às montadoras de forma rápida. A empresa investiu US\$ 350 milhões em sua fábrica de Pindamonhangaba (SP), que desde 2013 aumentou a capacidade de laminação de 400 mil para 600 mil toneladas/ano, e a de reciclagem de 200 mil para 390 mil toneladas/ano.

Isso significa que, nos níveis atuais, a Novelis sozinha pode dar conta de todo o consumo no País. Em 2015 foram consumidos no Brasil 575,7 mil toneladas de chapas de alumínio, por todos os setores.

Wongtschowski avalia que o preço do alumínio, em torno de 20% a 25% mais alto do que o aço laminado, não deverá continuar a ser uma barreira para elevar a demanda das montadoras no Brasil, pois o custo de aquisição é amplamente compensado pela redução de peso, que pode diminuir o consumo de combustível em torno de 30%, além de ganhos com redução de estruturas da suspensão e aumento da durabilidade de peças.

O alumínio tem apenas um terço da densidade do aço. Essa leveza vem conquistando cada vez mais fabricantes de veículos, especialmente da Europa e Estados Unidos. A Ford, por exemplo, elevou substancialmente a quantidade de alumínio utilizada na nova picape F-150, sua campeã de vendas no mercado americano.

A Jaguar Land Rover vem fazendo o mesmo e já tem modelos com carrocerias inteiras construídas em alumínio. Capôs e portas feitas com o metal mais leve já são bastante comuns em carros de diversas marcas. O alumínio da Novelis já está presente em mais de 180 modelos de carros em todo o mundo.

RECICLÁVEL

Outra vantagem do alumínio é seu alto grau de reciclabilidade, que reduz em cerca de 95% o consumo energético para a produção. Metade do metal laminado pela Novelis globalmente já vem de fontes recicláveis, no Brasil esse índice sobe para 62%.

A empresa tem o objetivo de aumentar o percentual de reciclagem em todas as suas plantas para 80% até 2020.

Isso permite o fechamento de contratos em ciclo fechado com alguns clientes, em que a Novelis se compromete a fornecer alumínio com percentual reciclado mínimo pré-definido e também recolhe das montadoras toda a sucata que sobra do processo de produção, para reprocessamento e novo fornecimento.

Ford e Jaguar Land Rover já fecharam acordos assim para a fabricação determinados modelos, com certificação de que 75% do alumínio fornecido sejam de fontes recicláveis.

Schaeffler premia melhores fornecedores no 6º Supplier Day

14/04/2016 - Fonte: Automotive Business



A Schaeffler premiou seus melhores fornecedores a partir da avaliação de seu desempenho ao longo de 2015. A cerimônia realizada no último dia 6 de abril durante a 6ª edição do Supplier Day revelou cinco destaques entre os 22 indicados que tiveram índice zero de reclamação no período. O encontro reuniu 75 fornecedores diretos do parque tecnológico da companhia localizado em Sorocaba (SP).

Os cinco vencedores deste ano são a Metalgregório, Supertrat, Voss, Jacto e ZM. Além de serem indicadas pelo quesito zero reclamação relacionada a qualidade, as empresas obtiveram excelência em performance logística e comercial.

“Esse encontro possibilita maior interação entre fornecedores e nós como clientes, reforçamos quais são nossas necessidades para garantir a melhoria contínua em nossos produtos e processos”, afirma Italo Daniel Filho, gerente de compras da Schaeffler.

Também participaram do evento o vice-presidente sênior de operações, Marcos Antonio Zavanella, o vice-presidente sênior de tecnologia de manufatura, Waldemar Ceglio, o diretor executivo sistemas transmissão, Cláudio Castro, o diretor executivo de qualidade assegurada, Flávio Mateus e o gerente de supply chain, André Gonzales.

BNDES terá nova linha de financiamento para exportação

14/04/2016 - Fonte: Globo.com



No momento em que, endividados, os empresários brasileiros evitam tomar empréstimos no sistema financeiro nacional, o governo lançará, hoje, linhas de crédito do BNDES para estimular as exportações de manufaturados dos mais diversos setores da economia.

Serão anunciadas novas condições de financiamento, com destaque para prazos mais longos e ampliação de recursos financiados pela taxa de juros de longo prazo (TJLP), hoje em 7,5% ao ano.

— Ao contrário de operações na área de infraestrutura, que são mais complexas, o crédito a exportações costuma dar uma resposta rápida — disse ao GLOBO o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro.

A desvalorização do real frente ao dólar abre várias oportunidades para a expansão das vendas externas, enfatizou o ministro. Segundo ele, o Brasil já colhe os efeitos do

ajuste cambial, com a substituição de importações. Ele citou como exemplos bem sucedidos os setores de calçados e de têxteis e confecções.

— A estimativa da Abit (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Vestuário) é que mais de 250 milhões de peças importadas foram substituídas por nacionais. Também já ocorre recuperação nas exportações de calçados. Por outro lado, a inflação está desacelerando, o que abre espaço para a queda dos juros — afirmou Monteiro.

Deixando claro que jamais trabalhou com a hipótese de a presidente Dilma Rousseff ser afastada do cargo, ele disse que, mesmo se o impeachment passasse, o governo teria de enfrentar problemas graves e urgentes, em que a saída é o ajuste fiscal.

— É preciso fazer um ajuste de curto prazo para fechar as contas, através da construção de um novo regime fiscal no Brasil. O ajuste de curto prazo, em face da queda da arrecadação, que tem sido muito forte, tem que encontrar fontes extraordinárias de receita. Eu, que sempre fui contra a CPMF, reconheço que a medida é importante, tendo em vista que a margem de manobra é muito estreita — enfatizou.

Esse novo regime fiscal ao qual o ministro se referiu incluiria uma ampla agenda de reformas, como a da Previdência. Outra medida consiste na instituição de uma trava fiscal, com a revisão de programas assistenciais, regimes de isenção e renúncias tributárias.

MAN quer dobrar nível de exportação em 3 anos diante de ociosidade em fábrica no Brasil

14/04/2016 - Fonte: DCI



A MAN Latin America, fabricante de caminhões e ônibus das marcas Volkswagen e MAN, pretende dobrar o nível das exportações de sua fábrica em Resende (RJ) nos próximos 3 anos, como forma de lidar com a queda na demanda brasileira por veículos comerciais, que levou o setor a uma ociosidade de cerca de 80 por cento ao final de março.

Em apresentação à imprensa nesta quarta-feira, o presidente-executivo da MAN Latin America, Roberto Cortes, afirmou que a montadora tradicionalmente exporta cerca de 15 a 20 por cento de sua produção em Resende, mas diante da contínua queda do mercado brasileiro e do cenário cambial mais favorável, a meta para os próximos 3 anos é expandir esse nível para 35 a 40 por cento.

O plano de ampliar as vendas externas vai contar com 100 milhões de reais de um total de 400 milhões a serem desembolsados pela MAN no país até 2017, disse Cortes. Com esse foco, investimentos na construção de uma fábrica na Argentina pela companhia ficam mais difíceis de acontecer.

"Hoje, pela proximidade geográfica de Resende e com a ociosidade da fábrica atual, sob o ponto de vista financeiro, fica difícil justificar a fábrica na Argentina", disse Cortes.

Atualmente, a fábrica da MAN em Rezende produz a um ritmo de 110 veículos por dia ante pico em 2011 de 350 diários, perto da capacidade nominal da unidade de 400 por dia, ou 100 mil anuais.

Diante do cenário em que as vendas de caminhões no Brasil desabaram 32 por cento no primeiro trimestre ante mesmo período de 2015, Cortes lançou nesta quarta-feira o slogan "Vire a Chave", parte de uma estratégia para tentar convencer clientes a decidirem pela compra de veículos da marca.

Questionado, Cortes afirmou que trata-se de "coincidência" a escolha da data de lançamento da campanha na mesma semana em que a Câmara dos Deputados decidem se abrem processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

"Precisa haver mudanças. O que não é possível é ficarmos discutindo impeachment até 2018", afirmou o executivo a jornalistas. "Eu esperava termos chegado ao fundo do poço já algumas vezes, mas quando se chega a um nível que as vendas da indústria são 70 por cento abaixo do que já foram, acho que estamos agora perto do fundo do poço", disse o executivo.

Ele citou que a expectativa da empresa para as vendas de caminhões e ônibus pelo mercado brasileiro neste ano é de 60 mil unidades, perto dos 61.344 veículos de 1999. Em 2011, pico atingido pelo setor, as vendas somaram 200 mil veículos.

Segundo Cortes, depois da redução na produção da MAN e dos parceiros da empresa em Rezende, a montadora está ajustada para o atual patamar de demanda do mercado brasileiro, não sendo necessários novos programas de demissão voluntária ou medidas mais radicais, como reduções em massa de pessoal.

Desde 2012, a empresa tem enxugado pessoal em Rezende por uma série de mecanismos trabalhistas e com isso o número de funcionários no complexo caiu de 5.500 para 3.500 atualmente, dos quais 1.500 são contratados diretamente pela MAN.

"Ainda temos flexibilidade de medidas como suspensão de contratos de trabalho e férias coletivas, mas medidas de cortes de vagas não serão mais necessárias", disse ele, acrescentando que o estoque da unidade é suficiente para 60 dias de vendas, quando o ideal é de 40 dias.

Mesmo com incentivo, pequena reduz participação nas compras públicas

14/04/2016 - Fonte: Portal Contábil

A participação das micro e pequenas empresas (MPEs) nas compras governamentais caiu em valor e em números de contratos no primeiro trimestre de 2016, apesar das medidas de incentivo dadas ao segmento ao final de 2015.

Em termos de valor, a fatia das MPEs no total das aquisições públicas passou de 8%, nos primeiros três meses de 2015, para 5,7%, em igual período deste ano. Já as grandes e médias empresas elevaram a sua parcela de 92% para 94,3% no total das compras, na mesma base de comparação, segundo dados são do Portal de Compras do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

Durante todo ano de 2015, a União, os estados e os municípios adquiriram R\$ 6,452 bilhões em bens e serviços, montante que, em igual período de 2016, despencou para R\$ 1,752 bilhão. Em termos percentuais, a queda das compras públicas foi de 72%.

O relatório do Planejamento mostra ainda que a participação das pequenas no total dos contratos dos governos passou de 56%, no primeiro trimestre de 2015, para 49%, em igual período deste ano. Já a fatia das médias e grandes foi de 44% para 51%, na mesma base de comparação.

Até março deste ano, os governos firmaram 713 contratos, 1.927 a menos do que foi acordado nos mesmos meses do ano passado.

Nélio Bordalo, presidente do Conselho Federal dos Economistas do Pará (Cofecon-PA), comenta que os números do Planejamento mostram que o corte nos gastos públicos tem retirado o potencial das medidas de estímulo às pequenas.

Em outubro de 2015, por exemplo, o governo publicou um decreto (8.538/ 2015) que determinou exclusividade para micro e pequenos empresários em contratações públicas de até R\$ 80 mil, medida que entrou em vigor no País, em janeiro deste ano.

Na ocasião, o gerente de políticas públicas do Sebrae, Bruno Quick, havia comentado que o decreto elevaria a participação das pequenas no total das contratações do governo cujo mercado chega a R\$ 500 bilhões. Porém, em entrevista ao DCI ontem, a instituição afirmou que a queda da participação das pequenas reflete o próprio ajuste fiscal da União, dos estados e das prefeituras.

Adriano Gomes, sócio da Méthode Consultoria, ressalta que, diante da necessidade de contenção de despesas, os contratos de maior valor são mais atrativos ao setor público já que, nesse caso, eles podem negociar preços com mais facilidade. Isso também explica, para ele, o recuo da participação das MPEs nas aquisições. "O poder de barganha é maior em um contrato de R\$ 150 mil do que em um de R\$ 50 mil, por exemplo", avalia.

"Além disso, as micro e pequenas estão com dificuldades para regularizar o pagamento de impostos o que as impedem, por sua vez, de participarem nas licitações públicas", complementa o especialista.

Expectativa

Bordalo do Cofecon diz, entretanto, que o incentivo dado pelo governo às pequenas nas compras públicas é bom e deve começar a surtir efeito em 2017, ano em que a economia deve voltar a crescer, na sua avaliação. "No próximo ano, devemos ter uma retomada positiva dos contratos de forma a beneficiar as pequenas", pontua o economista.

Indicadores do Sebrae-SP divulgados ontem mostram, por outro lado, que o cenário para as MPEs continua negativo para este ano. Em fevereiro, as micro e pequenas paulistas registraram recuo de 11,4% em seu faturamento real (já descontada a inflação) sobre fevereiro do ano passado.

Essa foi a 14ª queda consecutiva na receita dos pequenos negócios na comparação com o mesmo mês do ano anterior.

A baixa no indicador ocorreu por conta de incertezas sobre a economia brasileira, aumento do desemprego, perda do poder de compra da população e retração do consumo interno, informou o Sebrae-SP.

Receita

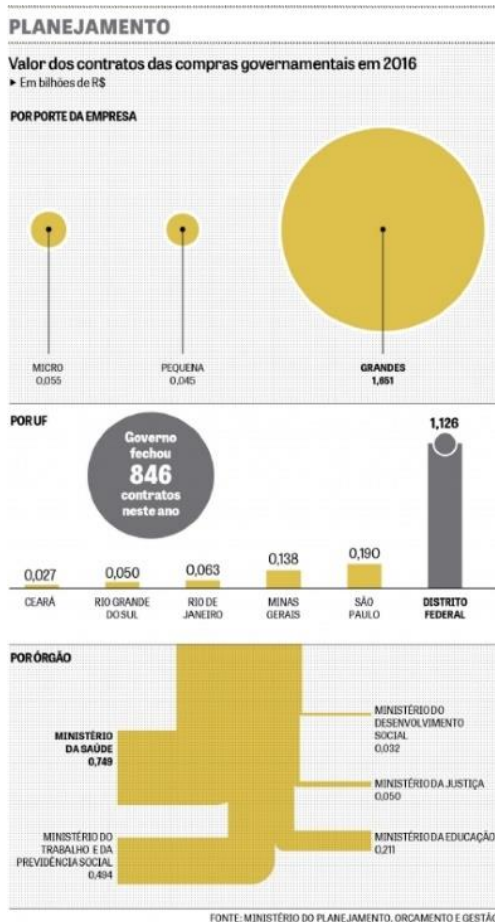
A receita total das MPEs do Estado de São Paulo foi de R\$ 44,6 bilhões em fevereiro, ou R\$ 5,8 bilhões a menos do que um ano antes, mas R\$ 3,9 bilhões acima do registrado em janeiro de 2016.

Nenhum setor escapou dos resultados negativos em fevereiro ante igual mês de 2015: as quedas foram de 13,7% na indústria, de 12,7% nos serviços e de 10% no comércio.

Por regiões, o município de São Paulo registrou o pior desempenho, com baixa de 14,3% no faturamento em relação ao mesmo período de 2015. As MPEs do interior tiveram diminuição de 12,8%. Na Região Metropolitana de São Paulo e no Grande ABC, as quedas foram de 10,1% e 9,6%, respectivamente.

No confronto entre os dados do primeiro bimestre de 2016 e de 2015, houve retração de 2,1% no total de pessoal ocupado (sócios-proprietários, familiares, empregados e terceirizados) e a folha de salários paga pelas MPÉs teve redução real de 1,2%.

Apenas o rendimento real dos empregados ficou no terreno positivo, com aumento de 0,6% na mesma comparação. "A atual crise de confiança é a verdadeira vilã de toda essa situação", declarou ontem o presidente do Sebrae-SP, Paulo Skaf.



Demanda global por aço deve cair de novo em 2016, prevê Worldsteel

14/04/2016 - Fonte: DCI



A demanda mundial por aço vai continuar em queda neste ano antes de uma ligeira retomada em 2017, afirmou a Associação Mundial do Aço (Worldsteel) nesta quarta-feira.

A queda na demanda tem pressionado os preços da liga e levado o mercado para uma crise, com excesso de capacidade pensado sobre siderúrgicas e levando usinas a fechar as portas.

O consumo aparente global, que considera as vendas menos exportações líquidas de produtos siderúrgicos, deve cair 0,8 por cento em 2016, para 1,488 bilhão de toneladas, após uma queda de 3 por cento no ano passado, segundo a Worldsteel.

A demanda chinesa pela liga deve recuar 4 por cento este ano, para 645,4 milhões de toneladas, e cair mais 3 por cento em 2017, após encolher 5,4 por cento em 2015.

"A chave para o número deste ano é o declínio na demanda da China, onde um excesso em imóveis residenciais é um problema, mas também demanda fraca no Brasil e na Rússia", afirmou o diretor geral da Worldsteel, Edwin Basson, a jornalistas. A demanda siderúrgica nos dois países deve contrair 8,8 por cento este ano.

Para o próximo ano, a entidade espera que a demanda global por aço cresça 0,4 por cento, para 1,494 bilhão de toneladas.

'WSJ': Reunião de países produtores pode definir destino dos preços do petróleo

14/04/2016 - Fonte: JB



Matéria publicada nesta quarta-feira (13) no The Wall Street Journal, conta que os investidores estão se preparando para uma reunião esta semana dos maiores produtores de petróleo do mundo que deve traçar o futuro dos preços do petróleo.

No próximo domingo (17), pesos-pesados do setor, como a Arábia Saudita e a Rússia, vão se reunir para discutir um congelamento nos volumes de produção que os investidores esperam poder acabar com o excesso da commodity que há quase dois anos vem pressionando os preços para baixo.

Segundo a reportagem, para chegar a um acordo, esses países têm que lidar também com as complexidades da política do Oriente Médio ao mesmo tempo em que esperam que países produtores que não estão sentados na mesa de discussão, como os Estados Unidos e a Noruega, não queiram tirar proveito da situação e acabem aumentando a produção.

Um exemplo do clima de incerteza é que os analistas não chegaram a um consenso com relação ao que deve ocorrer na reunião que será realizada em Doha, no Catar. Seja qual for o resultado, os investidores esperam uma grande reação do mercado, com o preço do petróleo subindo ou descendo até US\$ 5.

Logo depois da reunião de fevereiro, o ministro do petróleo do Irã considerou o plano "uma piada", minando o otimismo do mercado com relação a um acordo

O jornal americano diz que a esperança de um acordo tem influenciado o mercado desde que a Arábia Saudita, Rússia, Venezuela e Catar afirmaram em 16 de fevereiro que congelariam o volume de produção nos níveis de janeiro caso outros produtores aceitassem fazer o mesmo.

Alguns países, como o Kuwait e os Emirados Árabes Unidos, manifestaram apoio à proposta. Isso fez com que os preços subissem cerca de 30% nas semanas seguintes. Mas o movimento de alta parou quando a Arábia Saudita indicou que concordaria em cortar a produção somente se mais países aderissem à ideia.

Isso deve ser difícil. Logo depois da reunião de fevereiro, o ministro do petróleo do Irã considerou o plano "uma piada", minando o otimismo do mercado com relação a um acordo. O Irã só voltou ao mercado internacional de petróleo recentemente, depois

que sanções comerciais do Ocidente foram levantadas em janeiro, e o país quer agora conquistar participação de mercado.

“Seria suicídio para os políticos de Teerã se render à Arábia Saudita e congelar a produção”, diz Saadallah al-Fathi, um consultor dos Emirados Árabes que já integrou a direção da Organização dos Países Produtores de Petróleo (Opep).

Ele ressalta que a Arábia Saudita ampliou sua produção de petróleo para mais de 10 milhões de barris por dia no ano passado numa tentativa de ganhar participação de mercado. O Irã, que atualmente produz 3,1 milhões de barris por dia, planeja elevar sua produção diária para 4 milhões de barris.

Pesquisa aponta desemprego de 20% entre executivos

14/04/2016 - Fonte: Gazeta do Povo

Se as estatísticas gerais de desemprego no Brasil estão hoje em cerca de 9%, a situação parece ainda mais difícil para os profissionais que atuam em cargos de média e de alta gestão.

Levantamento da consultoria de recursos humanos britânica Hays, em parceria com a ESPM, aponta que 20% dos analistas, gerentes e presidentes de empresas instaladas no país chegaram ao fim de 2015 desempregados. O dado é o mais alto da série histórica, iniciada há cinco anos, e mostrou que o total de profissionais sem vagas nos mais altos níveis hierárquicos mais do que dobrou em um ano.

O estudo ouviu 3,2 mil executivos de 400 empresas de grande, médio e de pequeno portes pelo Brasil, com concentração de 83% das respostas na região Sudeste. O universo dos entrevistados contemplou 32% de analistas e especialistas, 53% de coordenadores e gerentes e 15% de diretores e presidentes.

O estudo mostrou também que, entre os entrevistados que se mantiveram no emprego, sete em cada dez tiveram perda real de salário no ano passado. Segundo a pesquisa, 72% tiveram aumento salarial de até 10% - abaixo do acumulado da inflação oficial, de 10,67%. Em 2014, 46% dos entrevistados haviam tido perdas salariais.

Na opinião da gerente sênior da Hays, Caroline Cadorin, os dados só vieram confirmar o que o mercado já sentia na prática. “É a realidade que a gente sente no nosso dia a dia. Essa é uma pesquisa que representa bem a realidade nacional e, no ambiente corporativo, mostra o movimento de corte de empregos e redução de custos para tentar contornar a crise.”

Além da taxa de desocupação, Caroline chama a atenção para uma movimentação que a executiva considera atípica dentro das corporações, marcada sobretudo por um rearranjo organizacional.

“A gente capturou um movimento de ‘juniorização’ de profissionais. Algumas empresas cortaram posições ocupadas por profissionais sênior para substituí-los por funcionários menos experientes, que ganham menos”, diz Caroline.

Ao longo de 2015, 37,18% dos profissionais demitidos tinham acima de 51 anos. “Mas a estratégia teve seu preço. Algumas empresas observaram que a ‘juniorização’ traz uma economia imediata, mas não se sustenta no médio prazo”, diz a especialista, que já observa um retorno na procura por profissionais mais experientes para algumas vagas em aberto.

Outra tendência, apontou a Hays, foram os acúmulos de função. “O que percebemos é que o mercado teve muita movimentação lateral, pessoas assumindo mais áreas, mas sem reflexo no aumento de salário”, ressalta a gerente da Hays.

Benefícios

Para compensar a falta de atratividade dos programas de remuneração, as empresas têm ampliado benefícios. Segundo Gabriel Vouga Chueke, coordenador do Observatório das Multinacionais Brasileiras da ESPM, a pesquisa retrata o retorno de algumas políticas, como a de oferta de carros corporativos. "Houve um curioso aumento de 26% de oferta de carros corporativos entre 2014 e 2015. O trabalho remoto também cresceu bastante: 10%."

Trabalhadores da Mabe deixam fábrica em Campinas

14/04/2016 - Fonte: O Estado de S. Paulo



Trabalhadores da Mabe, que ocupavam a fábrica de fogões em Campinas há quase dois meses, deixaram na quarta-feira, 13, as instalações da empresa espontaneamente. Havia uma ordem judicial para reintegração, mas eles decidiram, em assembleia, sair por questões de segurança.

"Havia riscos de violência e até mortes se a Polícia entrasse", disse o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Sidalino Orsi Júnior.

A unidade de Hortolândia, que produzia geladeiras, foi desocupada no dia 3. As duas fábricas do grupo mexicano Mabe, dono das marcas Dako, GE e Continental, foram ocupadas em 15 de fevereiro, logo após a decretação da falência da empresa, que demitiu seus 1,9 mil trabalhadores sem pagar salários atrasados e rescisões. Uma média de 80 a 100 funcionários permaneciam diariamente dentro das unidades.

Em audiência na sexta-feira na 2.^a Vara Cível de Hortolândia ficou acertado que a Capital Administradora Judicial – que cuida da massa falida – pagará cinco salários mínimos para cada trabalhador, conforme prevê a lei, assim que for liberado, nos próximos dias, R\$ 14 milhões (de um total de R\$ 100 milhões) em depósitos fiduciários realizados pela Mabe.

A dívida do grupo é estimada em R\$ 42,7 milhões (R\$ 19,2 milhões com fornecedores, R\$ 19 milhões com trabalhadores e R\$ 4,5 milhões com matérias-primas).

Serão criadas também duas comissões de trabalhadores de ambas fábricas que vão acompanhar a administradora nos trabalhos de levantamento dos bens do grupo. Serão ainda dadas baixa nas carteiras profissionais dos funcionários.

De acordo com a Capital, após essa etapa será realizada assembleia com os credores habilitados na massa falida (fornecedores e trabalhadores) para decidir o futuro da empresa. Será avaliado se o que sobrou em ativos será leilado ou reativado em uma nova fábrica.

Inicialmente, a massa falida pretendia retomar parcialmente a produção, com menos da metade dos funcionários, para tentar fazer caixa, mas o sindicato não aceita a proposta. "Só aceitamos se todos os trabalhadores voltarem", afirmou Orsi. Segundo ele, se os salários não forem pagos integralmente, os trabalhadores voltarão se mobilizar.

O responsável pela massa falida informou que, paralelamente a essas ações, os acionistas e diretores da Mabe responderão pela falência. A administradora já entregou à Justiça a relação de executivos que devem ser intimados.

INFORME CONJUNTURAL JANEIRO A MARÇO/2016

14/04/2016 - Fonte: O Estado de S. Paulo

O Informe Conjuntural é um boletim trimestral elaborado pela CNI para o acompanhamento do cenário econômico brasileiro. O boletim apresenta a visão da indústria sobre a conjuntura econômica dividida nas seguintes seções: atividade econômica; emprego e renda; inflação, juros e crédito; política fiscal e setor externo e câmbio.